

Oração pronunciada pelo Prof. Dr. Osvaldo Arns, na homenagem prestada pelo Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, em 27/9/1977, ao Prof. Dr. Rosário Farâni Mansur Guérios, quando este atingiu a idade-limite funcional na Universidade Federal do Paraná.

Se galas há, nesta hora de confraternização, de reconhecimento, de profunda amizade, as mesmas se matizam, inconfundivelmente, a partir duma vida remarcada pelo talento, pelo esforço e pela virtude, somados, a confluírem no estuário duma cidadania plena, glória dos ascendentes, dos descendentes, dos convivas do mesmo banquete da cultura, na linguagem de André Gide, fulcro imperecível da Pátria.

Não fora a contingência histórica, e aqui estaria o seu primeiro aluno universitário, aliás, testemunha confessa e admirador inequívoco do perfil admirável de seu professor e amigo, estaria aqui a burilar pela perspicácia de sua visão crítica e de seu fervor humano, com eloquência brotada duma vida acadêmica em comum, burilada por uma amizade cimentada na vida laboriosa e sem tréguas, estaria aqui, indiscutivelmente, o Prof. Fernando Corrêa de Azevedo, a cinzelar, longe dos atavios banais, a vida do mestre, também com o coração na mão, é verdade, fiel, porém, ao perfil histórico. Impõe-se, autoridades universitárias, professores e alunos, que nos demos conta da gravidade de nossa representação, nesta hora de reflexão, quando, como em síntese, nos multiplicamos, fazendo coro a uma verdadeira multidão de admiradores — o Curso de Letras, por certo, a cantar a melodia — admiradores do lingüista, do filólogo, do gramático, do lexicógrafo, coro ressoando no Paraná, no Brasil, no Exterior, a executar, sem o menor aceno de pieguice, a partitura do Trabalho.

Este recinto é pequeno, tão estreito quanto estreita e acanhada a casa de Sócrates, na visão do fabulista, quando a arguição da exigüidade espacial mereceu do pensador a redarguição:

"Utinam veris hanc amicis impleam" — Oxalá eu encha esta morada de verdadeiros amigos!

Recinto acanhado, legítimo, porém, o teor da amizade dos presentes.

É bem de se ver que inexistente a gratuidade. A curva histórica do perfil profissional e vocacional é também uma decorrência histórica de toda uma curva evolutiva, que registra meandros, além das reservas científicas e humanas, de notoriedade pragmática.

Conhecendo-o, prof. Mansur Guérios, já há 37 anos, não vacilei em entrevistá-lo, a fim de pôr a descoberto circunstâncias ainda latentes.

Em sua biblioteca domiciliar, à sombra de pitangueiras nativas e de esbelto pinheiro, sumido o entrevistado, atrás de verdadeira trincheira de livros, aliás, quadro constante e simbólico de parceria do sujeito, objeto e instrumentos de trabalho, a se confundirem na indagação, a nossa confabulação rumou para circunstâncias entendidas como fundamentais pelo interlocutor, num ritual maiêutico, apenas interrompido pela fidalguia de Dona Zita a oferecer um caldo quente associado a um vinho caseiro de Campo Largo, devida e prontamente qualificado pelo mestre.

Nas dobras latentes duma existência devidamente esquadrinhada, eis que assomam fatos que transpõem o gesto e, mesmo, uma atitude, para aderirem a uma verdadeira filosofia de vida.

O pequeno Rosário, a servir no balcão da "Casa Antônio Mansur", depois "Casa Oriental", sob a vigilância severa e compenetrada, no fundo eivada de grande bondade, do pai Antônio, sizado e sóbrio, aprende em serviço a ordem, a meticulosidade, a constância, a serviçalidade, relações públicas. Oferece-se-lhe, por igual, oportunidade de compreensão, de generosidade, quando lê para o pai, imigrante libanês de Biblos, com todas as virtudes da ancestralidade fenícia, aberto ao comércio das coisas e das idéias, segundo o testemunho grego, lê para quem não o aprendera, o jornal — como os paradoxos também levam o sinal do fascínio — mais tarde lhe compra um rádio, pondo o seu progenitor, sempre ávido de informações, ao corrente da história do mundo. A espontaneidade dos gestos filiais se estende a ponto de o filho Rosário se adestrar na área de barbear o velho pai.

Fregueses de fala alemã, de exclusiva fala alemã, impõem o conhecimento da língua para efeitos de mercado, fregueses e entre

eles um professor alemão. A conselho do pai e com plena anuência do menino Rosário, este se assenhoreia — fato repercutente na sua trajetória intelectual — de tal língua, fazendo-se do frequêns seu mestre da língua germânica.

Sua mãe, Da. Filomena, senhora culta, aberta à visão artística, tendo como meio de esparecimento e enlevo o piano, conduz os filhos aos domínios da arte, insinuando a toda hora a frequência a companhias líricas, à época de regular presença na cidade.

Mesmo em análise superficial, assomam os efeitos de tal convívio familiar como repercutentes na trajetória pessoal, anímica e profissional do mestre: ordeiro, meticoloso, constante, calculista, de um lado; jovial, comunicativo, otimista, de evidentes pendoros artísticos. Pensaria, como Thomas Mann: — Filho de negociante, prefiro a qualidade.

Discordamos, apenas em dois pontos, do enfoque feito, na Revista "Letras" pelo prof. Luigi Castagnola, quando qualifica o mestre como "seco, alto,... de poucas palavras", configuração secundada por demais qualidades, justas e mui nobres.

Não é alto, se me permitem; porém, de gigantesca estatura intelectual e moral; não é seco, nem de poucas palavras, porque sua comunicabilidade é um jorro de efusiva alegria constante; sua gargalhada, típica e frequênte, prof. Mansur Guérios, só é comparável à gargalhada de duas oitavas, de alto a baixo, de Paulo Autran, no momento culminante da Tragédia "Édipo-Rei", aliás, um verdadeiro bordado vocal, de admirável eficácia sensorial e expressiva.

Duas idiosincrasias marcantes da fala fazem parte visceral do professor jovial na sua comunicação, caracterizadoras de sua espontaneidade contínua: a do pronome de tratamento V. Mercê, de curiosa sensibilidade, porque menos direto e rude que **você**, no trato com professores, enquanto mais próximo que "**o senhor**"; por outro lado, a locução interjectiva "Mamma mia", de uso amiudado, interpretando participação intensa do momento narrativo dos interlocutores.

Voltando ao balcão e às aulas de alemão, eis que com 15 anos edita, como editor plênc e único, um jornal alemão, "Deutsche Lyrik", tendo como leitores e assinantes o autor, o jovem Rosário, e seu primo, que também aprendia alemão.

O que pasma, na verdade, não é o fato, mas o filólogo em ascensão vocacional, instrumentando-se, com naturalidade, de fer-

mentas expeditas e adequadas, na campanha profissional.

Aos 14 anos, aponta "O Lyrico", seu jornal, em que inicia as primeiras perquirições na ordem vernácula, aliás, depois de, já aos oito anos, ter vasculhado, com curiosidade e penetração, problemas do porquê do **h**, em "hervilha e outros termos de questão", segundo sua linguagem de menino. Os leitores, os amigos da vizinhança; veículo, a caderneta dos fregueses da "Casa Antônio Mansur", depois "Casa Oriental".

Pasmem os ouvintes: tal matéria não é criatividade; matéria rigorosamente guardada e arquivada, pronta para o exame; e o que é mais curioso, com a caligrafia mais que semelhante à atual, cuja linha constante e forma segura dão conta ao entendido, por certo, de muitos indícios do que aclamamos como garra incontestante dum pesquisador nascente.

Não nos parece suscitar muita dúvida o fato da presença contínua do tema epigráfico "O lírico", reflexo, por certo, da insinuação materna e de sua espontânea incorporação.

O cinema exerceria contundente influência sobre o jovem, propiciando-lhe assuntos a serem devidamente tematizados. Assim escreveria, já aos dez anos, "Os Mistérios da Mão Negra"; aos onze, "Aventuras do Mascarado", "Mistério do Lenço Amarelo ou Triângulo Amarelo" e "Chispa de Fogo"; aos quatorze anos, "O Lyrico"; aos dezesseis, "A Diligência da meia-noite", e ainda, "Gramática Ironeza", seguida de pequenos opúsculos, já de natureza gramatical, como "Adjetivo", "Substantivo", "Pronome", sempre em cadernetas da freguesia, com a rubrica habitual.

Ainda, aos dezesseis anos, sai a lume, com a rubrica infalível, "Dicionário Enciclopédico Farani", colligido, organizado, compilado e augmentado por Rosário Farani Mansur — Curitiba, 1923 — Paraná — 1924"; assim, também, "Da Língua Alemã, Filologia Comparada"; ainda, "A ortografia portuguesa, reformada pela etymologia", "Etymologia e Orthographia", "Vocabulário Português de Termos Antiquados", "Vocabulário de Termos Chulos", "Etymologia", "Nova orthographia", "Origem de Certas Palavras", "Catacrese", "Anotações & Observações", "Etymologia Histórica"; aos dezoito anos, "Notas Philológicas à margem de Frei Luiz de Sousa", do Visconde de Almeida Garrett".

Tentativa bem diversa, já de alcance admirável, é a da criação

duma língua universal, em forma de "Pequena Gramática Romethica", à maneira da língua Esperanto.

Por força dum artesanato contínuo, laborioso, persistente, começa a apontar, já então, uma ourivesaria do melhor lavor, em 1932, com a obra de teatro "Comédia em 1 ato", trabalho escrito num só dia, com 4 personagens e participação do autor.

Em 1933, escreve "Os Cavaleiros do Rancho", novela policial, sendo personagens os seus amigos. Em 1934, inicia um romance "Os Mistérios de um Ginásio" que, pelo desfecho inesperado e interessante, fica num só capítulo, originando-se, assim, seu primeiro conto involuntário.

Eis que desaparece, nas asas do tempo, o menino sequioso de exercícios intelectuais, o moço insopitável a encontrar prazer incontrolável no manejo e nas elucubrações do vernáculo; escalara o pl-nalto da maturidade, devendo envolver-se e engajar-se, profunda e visceralmente, nas responsabilidades do cientista nascente, e sobretudo, na tarefa imponderavelmente fundamental do magistério.

A vida do balcão não agradara ao moço, eis que pretendia tentar a vida do magistério, em Ponta Grossa. Não titubeia. O pai lembra, a partir de sua ótica: Aqui você pode ganhar dinheiro, lá terá, apenas, seu ordenado.

Já a concluir a Faculdade de Direito, com uma bagagem cultural específica, dispondo de apreciável ordenamento mental e de colocações essenciais na ordem do pensamento, continua fascinado e envolvido pe!os problemas lingüísticos, filológicos e bibliográficos.

Adere, então, profundamente, ao mister da Educação. Reconhe-  
cera nela a própria matriz do processo plasmador da alma do Ho-  
mem e da Nação; como diria o Professor Bento Munhoz da Rocha  
Neto, respigando o relato de Fichte quanto aos efeitos da derrota  
alemã em Iena, quando Napoleão Bonaparte, temendo, ainda, re-  
presálias armadas, articulações militares subterrâneas, manda um ob-  
servador à Universidade de Berlim. À volta, comunica o observador  
a Napoleão em expectativa e indagador: — Um professor discorria  
sobre Educação.

É o processo educativo descoberto, a compor o Poder da Edu-  
cação, restaurador, pressuposto ontológico da presença consciente  
da própria cidadania corresponsável.

Ponta Grossa, Curitiba — Colégio Estadual do Paraná, Escola Técnica Federal, Colégio "Divina Providência", e sobretudo, a Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Curitiba — seriam, doravante, sua forja de trabalho, a ensejarem sempre estímulos de toda sorte, já agora no zênite da carreira docente.

É de realçar-se, contudo, o contexto histórico-cultural descortinado na aludida Faculdade de Filosofia. Foi, em nosso entender, a mais consistente e alcandorada reserva de intelectuais, reunida numa Instituição, em Ciências Humanas, do porte e envergadura dum Prof. Bento Munhoz da Rocha Neto, dum Prof. Dr. Brasil Pinheiro Machado, dum Prof. Dr. Loureiro Fernandes, dum Prof. Dr. Homero Batista de Barros, dum Prof. Dr. Liguaru Espírito Santo, dum Prof. Dr. Themistocles Linhares, dum Prof. Dr. Rosário Farani Mansur Guérios, apenas para lembrar as lideranças acadêmico-administrativas. Na verdade, seria brutal temeridade apenas supor a composição duma nominata pessoal, pela evidência da injustiça. Citar um nome do corpo docente seria impor a listagem duma agremiação docente do melhor quilate, duma homogeneidade crítica verdadeiramente rara, fazendo parceria com o inesquecível pedagogo francês, Ir. Mário Cristovão, legítimo "rato de arquivos e bibliotecas", a prover a Instituição de todos os meios condizentes com os reclamos duma Escola Superior de primeira linhagem. Na verdade, muitos frutos daquela semente ainda vicejam, reproduzindo quantas e novas germinações. Ao nível crítico de tal intelectualidade e de tais consciências, o ardor e o fervor docentes eram uma evidência e uma particular responsabilidade. A filosofia e a sociologia eram o suporte necessário e imperativo, inarredável e inegociável de sua posição universitária, sem o que nenhum arcabouço permitiria sua ereção. Fundamentavam-se um pensamento e uma mentalidade universitária, paranaenses, na área das Ciências Humanas, particularmente.

O Prof. Dr. Rosário Farani Mansur Guérios crescia vertiginosamente, longe do auto-didatismo, a procurar tímidos e inconscientes caminhos; ao contrário, obras atualíssimas, verdadeira biblioteca lingüística lhe servia de escaiva segura; sua biblioteca particular e a da Faculdade cresciam com notáveis implementações, sob o bafejo dos estímulos da conjuntura histórico-cultural do momento dinâmico universitário. Livros de cabeceira, entretanto: Dauzat, Vendryès, Meillet, Saussure, Trombetti, cada qual a arrastar após si novos lineamentos lingüísticos, tudo a ensejar um alevantamento acadêmico.

Pesquisas de campo não o atemorizam: Vai a Palmas, hospeda-se no hotel, vai ao toldo dos índios, traz um casal de índios; doutra

feita, três índios; estuda com eles, de sol a sol, no hotel; paga-lhes, de seu bolso, o soldo pedido, pois "índio também não trabalha de graça"; assim, após uma semana, em horário integral, com dedicação exclusiva, — ele e os três índios, — eis que volta e, numa aula memorável, de que participamos então, como aluno, eis que nos apresenta a auspiciosa colheita, comunicada, como se fora a exclamação do artista: "Arte é redenção, é gestação", trazendo à luz da vida a criatura "Estudos sobre a Língua Caingangue". Aliás, tal tarefa, havia sido cumprida, em equipe, integrada pelo Prof. Dr. Loureiro Fernandes, o grande fator de seus trabalhos indigenistas. E, como se não bastassem tais iniciativas, no Paraná, vai também a Minas Gerais, e, subindo e descendo diariamente o Rio Doce, sendo remeiros os próprios índios, já agora em companhia de sua esposa, trabalha com afinco e constância indormida, dando ensejo ao seu trabalho de campo "Estudo sobre a Língua Botocuda"; da mesma forma, nascem "Estudos sobre a Língua Camacã".

O prestígio e conceito transpõem fronteiras e se internacionalizam, quando R.F. Mansur Guérios se torna referência científica do "International Journal of American Linguistics", no trabalho de Irvine Davis "Some Macro-Jê Relationships".

Além do protagonismo nos estudos indigenistas, as colocações científicas na área da Semântica, em especial do Tabu, atingem como que as raias do comando crítico, quando a autoridade internacional, professor da Universidade de Leeds, Grã-Bretanha, Stephen Ullmann, em "Semântica, Introdução à Ciência do Significado", recorre, na rubrica **Tabu**, nada menos que cinco vezes à opinião do Professor Rosário Farânî Mansur Guérios.

A intuição material conduzia, com muita segurança, à intuição formal, através do crisol duma aguda intuição racional. Caminhava, à luz das clareiras lingüísticas dum Trombetti, Dauzat, Meillet, Saussure, e de quantos mais, quase que em passadas platônicas: da empeiria à doxa, e da doxa, em cuidadoso quão meticuloso amadurecimento racional, aportava na epísteme.

Quantos houve a se indagarem como podia um professor brasileiro, com os minguados recursos bibliográficos, produzir uma obra do porte de "Tabus Lingüísticos"!

Certos efeitos nos dão conta de causas maiores, quando, por exemplo, o afamadíssimo lingüísta alemão, Kurt Baldinger, após o término do Congresso Internacional de Montevideú, chega a Curitiba

ba, à noite, para dialogar com o professor Mansur Guérios e reen-  
cetar sua viagem à Alemanha, na manhã seguinte.

Tasso da Silveira costumava proclamar: "Todo homem traz con-  
sigo o gênio; difícil é descobri-lo". No caso presente, os pendores  
e as propensões à lingüística, invariavelmente intensíssimos, nasce-  
ram com ele, já em manifestação, além de exuberante.

A Revista "Letras" dedicará um número especial à obra do ín-  
clito mestre, matéria a reclamar soberba perspicácia, paciente inda-  
gação, diuturna pesquisa, e mesmo assim, por melhor talhados que  
fossem os analistas e críticos, não há homem comum que carregue  
o monumento ciclópico. Só a malícia e a astúcia de Ulisses contorna-  
riam o ciclope Polifemo; tais armas são, de pronto, descabidas, no  
concernente às Ciências. Diríamos com Leibnitz: Construiremos o me-  
lhor dos mundos possíveis; cumprimos a tarefa, da maneira mais  
condigna possível. A sabedoria, entretanto, por evidência, não pode  
sofrer mutilações, nem afeiçoamentos caricaturais.

O boticário e contador de histórias de Cruz Alta, Erico Verfssim-  
mo, indaga, em entrevista, a Somerset Maugham: — Qual o perigo  
da carreira literária?

O literato, categórico, retruca: — O sucesso.

Tal não é o caso do nosso homenageado.

Schopenhauer exclama: "O tédio é o eterno demônio dos me-  
dífoces". O homenageado seria uma figura "anti-daimon".

O novelista gaúcho adianta: "O pior otimismo é o que confia  
no tempo sem pôr uma semente no sulco, sem contar com o grão  
capaz de germinação e cultivo".

O homenageado é um semeador bíblico.

O ato acadêmico-administrativo da "compulsória" não o atinge,  
na verdade. Em nossa fala amiga, ficou claro: o trabalho continua,  
como de hábito, sem o império das horas contadas. O semeador con-  
tinua a amainar o campo, a semear, a alimentar alimentando-se com  
alimentos imperecíveis, a cultura e a Fé; Fé em Deus e na Pátria:  
"Fede è sostanza de cose sperate, Ed argomento delle non parventi",  
na voz de Dante.

"A compulsória" não seria, na verdade, aquela do "Incidente  
em Antares": — "Deus me bota na compulsória e me leva para a



invernada do Nunca”.

O mestre e amigo jamais saboreou vinho capitoso. A sua grandeza e sabedoria estão na simplicidade evangélica, e vale lembrar a sentença oracular de Melville: “O sábio, perguntado como poderia perpetuar o nome: Esculpi vosso nome em pesada pedra, e descei-a ao fundo do mar e as invisíveis profundezas dos abismos hão de durar mais que os ápices visíveis das montanhas”.

Este dia é para todos nós festivo; é quase um estado de espírito. Frase axiomática a de Hemingway: “Todo dia é um novo dia”.

A sua esposa, Professor Mansur Guérios, seus descendentes, seus familiares, se orgulham do grande homem que Deus, em sua generosidade, criou. A Universidade se ufana; com ela o Paraná e o Brasil.